



O CUIDADO E A ENFERMAGEM EM UM CONTEXTO HISTÓRICO

CARE AND NURSING IN A HISTORICAL CONTEXT

Miguir Terezinha Vieccelli Donoso¹
Maria Daniela Donoso²

RESUMO

Objetivo: Contextualizar a enfermagem frente às suas origens e ao desenvolvimento de sua prática. **Método:** Estudo teórico, reflexivo, de perspectiva histórica e que utiliza a pesquisa bibliográfica como recurso de investigação. **Resultados:** O texto perpassa pelas origens do cuidado ligadas à religiosidade, a perda da hegemonia da igreja quando as religiosas foram expulsas dos hospitais, a figura de Florence Nightingale como precursora da enfermagem moderna e a enfermagem e suas origens no Brasil, frisando o exercício formal da enfermagem com a Lei nº 7.498/86. **Conclusões:** O saber vem articulado a uma historicidade, sendo que esta pode e deve ser desvelada, mas nunca negada. As profissões se constroem de maneira progressiva, e conhecer a história da enfermagem é necessário para conduzir seus próximos passos, visando o reconhecimento e a valorização da profissão.

Palavras-chave: História da enfermagem. Cuidado. Enfermagem. Ocupações em saúde.

ABSTRACT

Objective: To contextualize nursing regarding its origin and development of its practice, providing reflections on the stereotypes that permeate the profession. **Methods:** This is a reflective study of historical perspective, which uses the bibliographic search as an investigation method. **Results:** The findings underlie the origins of care related to religion, loss of hegemony of the church when the religious women were expelled from hospitals, the role of Florence Nightingale as pioneer of modern nursing, and nursing origins in Brazil, emphasizing the lawful exercise of the profession with the Law no. 7498/86. **Conclusion:** This study reaffirmed the idea of knowledge articulated to a history, and this can and should be unveiled, but never denied. Professions are built in a progressive manner, and knowing the history of nursing is needed to conduct its next steps, aiming the recognition and appreciation of the profession.

Keywords: History of nursing. Care. Nursing. Health occupations.

INTRODUÇÃO

A história das profissões permite compreender o presente e traçar o futuro, especialmente pela forma como cada uma veio se construindo ao longo do tempo, pelo *modus operandi* de como o saber prático e o saber teórico foram se aproximando, dando forma àquilo que posteriormente se tornou profissão⁽¹⁾.

A imagem que a sociedade constrói da enfermeira é permeada por estereótipos que incluem figuras como anjos, religiosas, prostitutas, feiticeiras, heroínas e se relacionam à função de auxiliar do médico e

¹ Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde. Docente da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Autor correspondente. E.mail: miguir@enf.ufmg.br

² Graduanda em História pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

também à falta de vida social⁽²⁾. Tais estereótipos podem levar a uma visão distorcida da realidade da profissão, refletindo na visibilidade da mesma.

A visibilidade da enfermagem encontra-se relacionada à trajetória histórica da profissão, à falta de reconhecimento de sua cientificidade, à sua veiculação errônea na mídia e, ainda, à sobrecarga de trabalho de seus profissionais⁽³⁾. Assim, este texto teve o objetivo de contextualizar a enfermagem frente às suas origens e ao desenvolvimento de sua prática, proporcionando reflexões sobre os estereótipos que permeiam a profissão através dos tempos, contribuindo com a (re)construção da sua imagem.

MÉTODO

Trata-se de estudo teórico, reflexivo, de perspectiva histórica e que utiliza a pesquisa bibliográfica como método de investigação. Sua elaboração tomou por base especialmente artigos de periódicos científicos sem limite de data de publicação e livros clássicos sobre a história da enfermagem e suas concepções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cuidado teve sua trajetória demarcada pela sobrevivência dos povos. As expedições organizadas pelos cristãos, a partir do final do século XI, influenciaram o cuidado de feridos nas lutas pela recuperação da Terra Santa, Jerusalém, dominada pelos muçulmanos. Foram edificadas hospitais, onde se instalaram grande número de monges-militares para cuidar de soldados feridos e também de peregrinos cristãos necessitados. Ainda que a prática do cuidado não fosse planejada, percebe-se o cuidador da época como agente histórico que atuava no intuito de promover alívio ao sofrimento humano⁽⁴⁾.

A imagem religiosa da enfermeira se desenvolveu na Era Cristã e Idade Média, com organizações voltadas para a caridade e o cuidado de doentes, pobres, idosos e órfãos. À medida que a enfermagem desenvolvia uma imagem associada

à religião, uma disciplina cada vez mais rígida era imposta, sendo também determinada a obediência absoluta às ordens dos médicos e dos pastores⁽⁵⁾. O Renascimento provocou uma revolta contra a supremacia da Igreja Católica, quando foram dissolvidas diversas ordens religiosas, e o trabalho das mulheres nessas ordens foi extinto, iniciando assim os “anos negros da enfermagem”⁽⁵⁾. Com a perda da hegemonia da igreja, as religiosas foram expulsas dos hospitais, sendo substituídas por mulheres de “baixa qualificação moral” conforme os valores da época. Estas assumiram o cuidado aos enfermos em troca de baixos salários, sendo esse período significativo para a história da enfermagem⁽⁶⁾.

O espírito renascentista ocorre junto a inovações intelectuais e culturais da medicina, afetando indiretamente a prática de cuidados. Esta permanece como caritativa, doméstica, manual e feminina, afastada do domínio intelectual, diante da qual o conhecimento de cunho científico era visto como desnecessário – justamente por ser exercida por mulheres, essa atividade dispensava tal conhecimento⁽⁷⁾.

Em maio de 1820 nasce Florence Nightingale, considerada a fundadora da enfermagem moderna, que obteve projeção maior a partir de sua participação como voluntária na Guerra da Crimeia. Em 1860, Florence funda a primeira escola de enfermagem no Hospital São Thomas, em Londres. Essa escola admitia as *lady-nurses*, oriundas de famílias ricas, que pagavam seus estudos, e as *nurses*, que estudavam gratuitamente mas compensavam com um ano de trabalho gratuito no hospital ao término do curso⁽⁸⁾. Institucionalizava-se na enfermagem a dicotomia de suas ações: as *lady-nurses* que desempenhavam funções intelectuais, representadas pela administração, supervisão, direção e controle dos serviços de enfermagem, e as *nurses*, que pertenciam aos níveis sociais mais baixos e que, sob direção das *ladies*, desenvolviam o trabalho manual da enfermagem⁽⁹⁾.

No Brasil, com a colonização, ocorre a criação das santas casas, sendo a primeira fundada

em Santos no ano de 1543⁽¹⁰⁾. Dada a grande atuação dos jesuítas nas santas casas, na direção e manutenção de obras assistenciais, supõe-se que estes se encarregavam da supervisão e dos trabalhos gerais de enfermagem⁽¹¹⁾.

Voltando-nos para a enfermagem em Minas Gerais, destaca-se a fundação da Casa de Caridade no município de São João Del-Rey, no ano de 1765, por Manuel de Jesus Fortes. As anotações e manuscritos fazem menção a deliberações, regimento interno e rotinas. Curiosamente, o regimento interno se refere às funções do médico, do cirurgião e de seus ajudantes, incluindo atribuições do enfermeiro e da enfermeira, dentre estas: “O enfermeiro ficará sob as ordens da Mesa e dos professores; Poderá castigar os serventes, sem usar instrumentos de pau ou de ferro; Terá uma ração mais abundante; A enfermeira terá as mesmas atribuições, mas com uma proibição: não poderá entrar nas enfermarias dos homens”^(12:90). Ainda que a enfermagem se caracterize como função de subordinação à categoria médica nas esferas mundial e brasileira, observa-se em suas origens a hegemonia das categorias dos que pensam (*lady-nurses*) em detrimento dos que fazem (*nurses*), uma vez que os enfermeiros estariam autorizados a castigar os serventes (sem usar, entretanto, instrumentos de pau ou de ferro) e teriam ração mais abundante.

O ensino formal de enfermagem no Brasil inicia somente em 1890, quando é criada a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Esta surgiu da demanda de mão de obra, resultante da saída repentina das freiras desse hospital, as quais pertenciam ao serviço de enfermagem. A incompatibilidade das freiras com a nova direção do estabelecimento – altamente autoritária – culminou com a saída das mesmas⁽¹³⁾. Nessa mesma época, ocorriam no país epidemias de malária, varíola, febre amarela e peste, dentre outras enfermidades. Fazia-se necessário buscar recursos de enfermagem no exterior. Dessa forma, a Fundação Rockefeller trouxe ao Brasil nove enfermeiras americanas, que implantaram no Brasil o modelo de enfermagem nightingaliano,

criando em 1923 a Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública⁽¹⁴⁾. Esta deu origem à Escola Ana Néri, considerada na época escola padrão de Enfermagem.

Em 1949 foi promulgada a Lei 775, que versava sobre o ensino de Enfermagem no Brasil. Essa lei constitui um marco histórico da enfermagem brasileira, mudando inclusive a finalidade da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, quando foram definidas duas modalidades de curso: curso de Enfermagem com duração de 36 meses e curso de Auxiliar de Enfermagem, com duração de 18 meses⁽¹⁵⁾. Essa lei, porém, não normatizou o ensino nem as atribuições de cada categoria, lacuna que foi preenchida somente pela publicação do Decreto 27.426, de 1949, que aprovava o regulamento básico para os cursos de Enfermagem e de Auxiliar de Enfermagem⁽¹⁶⁾, no qual destacamos:

Art. 1º O Curso de Enfermagem tem por finalidade a formação profissional de enfermeiros, mediante ensino em cursos ordinários e de especialização, nos quais serão incluídos os aspectos preventivos e curativos da enfermagem. Art. 2º O Curso de Auxiliar de Enfermagem tem por objetivo o adestramento de pessoal capaz de auxiliar o enfermeiro em suas atividades de assistência curativa⁽¹⁶⁾.

Destaca-se o termo pejorativo *adestramento de pessoal*, sugerindo um treinamento isento de maiores reflexões para os auxiliares de enfermagem.

Na década de 1960, em pleno regime militar, o governo instituiu os cursos profissionalizantes. Tal medida, incluindo o curso de técnico em enfermagem, atendia a pressão do mercado de trabalho em sintonia com a pressão popular por mais vagas nas universidades. Esse curso iniciou na Escola Anna Nery⁽¹⁶⁾.

O exercício formal da enfermagem no Brasil é relativamente recente, pois somente em 1986 a Lei nº 7.498/86⁽¹⁷⁾ dispôs sobre esse tema. Esta estipulou que a enfermagem passaria a ser exercida privativamente pelo enfermeiro, pelo técnico de enfermagem, pelo auxiliar de enfermagem e pela

parteira, respeitando-se os respectivos graus de habilitação⁽¹⁸⁾. A mesma lei reconheceu a existência de trabalhadores de enfermagem atuando sem qualificação profissional adequada – os atendentes de enfermagem – e estipulou um prazo de dez anos para que a situação desses profissionais fosse resolvida⁽¹⁹⁾. Os atendentes de enfermagem durante anos constituíram o maior quantitativo de trabalhadores na equipe de enfermagem, submetidos a baixos salários e a extensas jornadas de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Teorias de enfermagem, processo de enfermagem, sistematização de assistência em enfermagem (SAE), humanização da assistência, interdisciplinaridade... São termos recentes, com os quais a enfermagem vem se familiarizando no Brasil. De profissão subalterna, sem identidade própria e sem cunho científico à profissão sistematizada e pautada nos seus próprios alicerces, muito se avançou, mas ainda há muito que caminhar.

Os profissionais de enfermagem ainda enfrentam preconceitos. A mídia certamente exerce forte influência no fomento a esses preconceitos, pois em filmes e telenovelas ainda erotizam a enfermeira ou a apresentam como trabalhadora resignada, servil e totalmente desprovida de saber científico e específico de uma profissão. Porém, há que se pensar que a enfermagem ainda é recente. A história vem nos mostrar que as profissões se constroem de maneira progressiva. O saber vem articulado a uma historicidade, sendo que esta pode e deve ser desvelada, mas nunca negada. Nesse sentido, conhecer a história da enfermagem é absolutamente necessário para conduzir seus próximos passos, visando o reconhecimento e a valorização da profissão.

REFERÊNCIAS

1. Padilha MICS, Borenstein MS. História da enfermagem: ensino, pesquisa e

interdisciplinaridade. *Esc Anna Nery R Enferm.* 2006;10(3):532-8.

2. Nauderer T, Lima MADS. Imagem da enfermeira: revisão da literatura. *Rev. bras. enferm.* 2005;58(1):74-7.
3. Avila LI, Silveira RS, Lunardi VL, Fernandes GFM, Mancia JR, Silveira JT. Implicações da visibilidade da enfermagem no exercício profissional. *Rev Gaúcha Enferm.* 2013;34(3):102-109.
4. Oguisso T. Origens da prática do cuidar. In: Oguisso T, organizador. *Trajetória histórica e legal da enfermagem.* Barueri (SP): Manole; 2005.
5. Ellis JR. *Enfermagem contemporânea: desafios, questões e tendências.* 5ª ed. Porto Alegre: Artmed; 1998.
6. Silva GB. *Enfermagem profissional; análise crítica.* São Paulo: Cortez, 1986.
7. Donahue MP. *Historia de la Enfermeria.* Espanha: Pilar Vilagrassa, 1993.
8. Carraro TE. *Enfermagem e assistência; resgatando Florence Nightingale.* Goiânia: AB Editora, 1997.
9. Geovanini T, Moreira A, Dornelles S, Machado WCA. *História da enfermagem; versões e interpretações.* Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
10. Pires D. *Hegemonia médica na saúde e a enfermagem – Brasil: 1500 a 1930.* São Paulo: Cortez, 1989.
11. Paixão W. *História da enfermagem.* 5ª ed, Rio de Janeiro: Julio C. Reis Livraria, 1979.
12. Coelho RS. Organização da assistência médica na santa casa de Misericórdia de São João del-Rei há 150 anos. In: Instituto de Técnicos em saúde e Hospital. Belo Horizonte: Fundação Belo Horizonte, 1972.
13. Germano RM. *Educação e ideologia da enfermagem no Brasil.* 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1985.
14. Borges EL, Latini FS, Donoso MTV, Costa TMPF. Reflexões sobre enfermagem pós-Florence. *Rev. Min. Enf.* 2000;4(1/2):77-82.

15. Lopes GT. Prefácio II. In: Porto F, Amorim W. História da Enfermagem Brasileira; lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007.
16. Kletemberg DF, Siqueira MTD, Mantovani ME, Padilha MI, Amante LN, Anders JC. O processo de enfermagem e a lei do exercício profissional. Rev. bras. enferm. 2010;63(1):26-32.
17. Brasil. Lei 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a Regulamentação do Exercício da Enfermagem e dá outras providências. Brasília: Ministério da Saúde; 1986. [citado em 05 mai 2014]. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.htm>
18. Dantas RAS, Aguillar OM. O ensino médio e o exercício profissional no contexto da enfermagem brasileira. Rev Latino-Am. Enfermagem. 1999;7(2):25-32.
19. Gottens LBD, Alves ED, Sena RR. A enfermagem brasileira e a profissionalização de nível técnico: análise em retrospectiva. Rev Latino-Am. Enfermagem. 2007;15(5):1033-40.